



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

A importância do domínio das áreas de sintaxe e semântica para o campo da revisão textual

Thamara Santos dos Reis

Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG)

Celso Ferrarezi Jr.

Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG)

Resumo

O presente artigo aborda “A importância do domínio das áreas de Sintaxe e Semântica para o Campo da Revisão Textual”, tendo como principal objetivo contribuir para os estudos em Revisão de Texto, em interface com as áreas da Semântica e Sintaxe, haja vista a incipiência de bibliografia especializada com este enfoque. A proposta é verificar a importância dos campos da Sintaxe Funcional e da Semântica Cultural para o trabalho do revisor textual, isso com metodologia baseada em pesquisa bibliográfica. A esfera da revisão de textos demanda um profundo estudo a respeito da área de atuação em que o profissional desempenhará seu trabalho. Os resultados da pesquisa demonstraram que a revisão textual exige muito mais do que conhecimento da gramática normativa para seu exercício. Porém, a formação do profissional revisor, em seus diversos setores/lugares de atividade, ainda não é satisfatória no Brasil, o que exigiria não apenas a criação de matérias específicas nos cursos de Letras, mas de cursos específicos de revisão textual em nível superior, além, é claro, da consequente legalização do exercício profissional de revisor textual.

Palavras-chave: Revisão textual. Revisor textual: profissão. Revisor textual: formação. Sintaxe Funcional. Semântica Cultural.

Submetido em: 20/12/2020

Aceito em: 30/01/2021

Publicado em: 03/03/2021



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

Thamara Santos dos Reis



Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pelo Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Durante a graduação, atuou como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e do Programa Institucional de Residência Pedagógica. Além disso, foi integrante do Grupo de Estudos sobre Semiótica Peirceana da UNIFAL-MG, projeto de extensão desenvolvido na universidade sob coordenação do professor Ronaldo Auad Moreira.



<http://lattes.cnpq.br/1539832107370748>



<https://orcid.org/0000-0002-9013-5392>



<https://independent.academia.edu/ThamaraSantosdosReis>



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

Celso Ferrarezi Jr.



É formado em Letras Português-Inglês pela UNIR (1989), mestre em Linguística-Semântica pela Unicamp (1997), doutor em Linguística-Semântica pela UNIR (1998), pós-doutor em Semântica pela Unicamp (2005) e em Linguística de Corpus pela UFMG (2016). Atualmente é professor titular nos cursos de Letras e Letras-Português e Literaturas da Língua Portuguesa e no Mestrado em Educação da Unifal-MG. É líder do grupo de Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas e Aplicadas, em funcionamento desde 2013. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Semântica, tendo idealizado e desenvolvido a Semântica de Contextos e Cenários, uma vertente de estudos semânticos com enfoque cultural. Atua principalmente com pesquisas semânticas, Linguística aplicada à educação (de forma especial em processos de significação e ressignificação em ambiente escolar), alfabetização e teorias linguísticas.



<http://lattes.cnpq.br/6396955256879565>



<https://orcid.org/0000-0001-9221-0432>

Programa
Pós-
Graduação
em
Educação

<https://www.unifal-mg.edu.br/ppge/>

Grupo de
Pesquisa

<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/36608>



A IMPORTÂNCIA DO DOMÍNIO DAS ÁREAS DE SINTAXE E SEMÂNTICA PARA O CAMPO DA REVISÃO TEXTUAL

Thamara Santos dos Reis (Unifal-MG)¹

Celso Ferrarezi Jr (Unifal-MG)²

Introdução

A área de Revisão Textual está intimamente relacionada à adequação e revisão linguística de um texto, seja ele apenas linguístico ou inserido em contextos em que há a presença de gêneros multissemióticos (que se caracterizam por intercalar aspectos linguísticos e imagéticos, entre outros). Dessa forma, a revisão de textos está inserida em um cenário que exige, por parte do profissional que atua nesse ramo, uma vasta gama de conhecimentos gerais e específicos em seu campo de atuação.

Mas, afinal, o que o revisor de textos deve dominar para operar com eficácia o seu trabalho? O que, de fato, é a Revisão Textual? Até qual limite uma revisão pode interferir no texto autoral? Essas são algumas das questões que serão abordadas ao longo da escrita deste artigo, tendo em vista que, se pesquisarmos mais a fundo, podemos perceber que a carência de bibliografia voltada à prática do revisor de texto é uma constante, ainda mais se a compararmos com outras áreas estudadas pela Linguística.

¹ Thamara Santos dos Reis é graduada em Letras com habilitação em Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). e-mail: thmrreis@gmail.com

² Professor Titular de Semântica. Professor nos cursos de Letras e Letras-Português e Literaturas da Língua Portuguesa e no Mestrado em Educação da Unifal-MG. e-mail: cferrarezij@gmail.com



Considerando esta lacuna referencial, o presente trabalho visa a investigar, por meio de pesquisa bibliográfica no pouco material existente, quais são os campos de atuação e as funções desempenhadas pelo revisor na atualidade, além de verificar qual é a importância dos campos da Semântica e da Sintaxe para o trabalho desse profissional essencial em uma sociedade letrada. Por conseguinte, adentramos a necessidade e a importância do domínio das áreas da Semântica e Sintaxe na construção do texto escrito.

Dessa forma, vale ressaltar que a abordagem feita neste artigo é, majoritariamente, teórica. Um dos principais objetivos a ser alcançado é o de analisar aspectos teóricos da revisão e não o de propor um manual prático de como fazer revisões textuais.

Posto isso, os objetivos gerais deste trabalho são o de contribuir para as áreas da Semântica e Sintaxe inter-relacionando-as com a Revisão Textual e, por conseguinte, contribuir para as pesquisas no campo da revisão de textos.

Para a consecução desses objetivos gerais, elaboramos um estudo mais aprofundado sobre a revisão de texto e a formação do profissional atuante na área, apresentamos sucintamente as funções que o revisor exerce dentro de seu campo de atuação, sendo este um campo abrangente, discutimos a necessidade do domínio de duas grandes áreas (Sintaxe/Semântica) dentro da revisão, verificando quais são as categorias mais importantes para o trabalho destes profissionais e, finalmente, buscamos mostrar diferentes campos/loais que o revisor atua, para que, dessa forma, os efeitos semânticos produzidos dentro do texto revisado sejam melhor assimilados e adaptados ao cenário do conteúdo produzido pelo autor.



1 A revisão e suas dificuldades

1.1 Conceito de revisão de texto

Revisar é por vista a alguma coisa; é ler o texto a fim de consertar possíveis “erros”, sejam eles relativos à estrutura (redação, digitação, tipografia etc.) ou ainda relativos ao aspecto linguístico de adequação do modo como o conteúdo é apresentado/exposto. (Rocha, 2012, p. 36 apud Guedes, 2013, p. 4)

Mas...

Revisar é muito mais do que isso. Não é só o domínio de regras, é também saber perceber alguns aspectos textuais, como a obediência à estrutura frasal ou as repetições desnecessárias, além do domínio semântico. Possuir o conhecimento que vai além das questões de forma também é preciso. Porém, o principal da profissão é justamente a riqueza e a possibilidade de fazer pesquisas. É por meio dela que se consegue analisar a linguagem, percebendo-se se ela está adequada ao objetivo e à mensagem do autor, assim como por meio dela é possível verificar o seu sentido. (Cavalcante, 2011, p. 55 apud Guedes, 2013, p. 4)

Assim,

Em resumo o ato de revisar é um aperfeiçoamento do texto, uma reforma ao que foi escrito pelo autor, uma adequação que o torna acessível a um número maior de leitores e o revisor de textos é o profissional que promove essa nova organização textual. (Guedes, 2013, p. 6)

As três definições acima, apresentadas por três diferentes autores, constituem explicações relevantes para a área de Revisão Textual, sendo que cada qual foi exposta de acordo com o ponto de vista particular de cada pesquisador.

Ainda, sob outra perspectiva, Rocha (2012) apresenta uma definição clara e que vai ao encontro daquilo que estamos abordando no presente trabalho, isto é, uma visão



mais abrangente do ato de revisar, que não se atém simples e puramente a uma gramática tradicional, baseada em definições que se enquadram em “caixas fechadas”, que não levam em consideração as mudanças e variações de uma língua e os diferentes gêneros textuais existentes. Por isso, para este artigo, toma-se a seguinte definição como a mais pertinente em relação ao ato de revisar um texto:

A Revisão não deve ser confundida com conferência, porque esta é uma atividade “esvaziada de intelecto”, de liberdade. Segundo Houaiss (2009), conferência é o “ato ou efeito de verificar no que concordam e no que discrepam duas coisas confrontadas; cotejo, confronto, comparação. Ato ou efeito de conferir. Ex.: Da cópia com o documento original”. Não deve ser confundida com a Revisão, porque esta é um outro olhar sobre o texto; a conferência compara duas versões de um mesmo documento. (p. 35)

Portanto,

Quanto menos habilitado o revisor for, mais seu trabalho se aproximará da conferência, o que significa nenhuma interferência (saneamento local ou global) no texto. A conferência pode ser uma das fases da Revisão de Texto quando do cotejamento entre as emendas pedidas na versão anterior com as da versão posterior. Isso não implica dizer que a conferência não tenha sua importância: é essencial para comprovar a veracidade de documentos (atividades de cartório, por exemplo) e não permitir que textos que já tenham sido distribuídos e consumidos na sociedade (como uma lei) mudem seus aspectos originais. (p. 36)

Partindo para outro viés, infelizmente, no Brasil, ainda grande parte dos manuais relacionados à revisão está intimamente relacionada com a gramática tradicional, tendo, assim, um caráter normativo, que afasta e gera certo preconceito em relação a outras variantes da língua, que devem ser respeitadas dentro de um texto, de acordo com o cenário em que estão inseridas.



Além disso, o revisor textual deve atentar para o gênero textual e as principais características desse gênero de forma que seu trabalho seja mais eficaz e bem-feito.

[...] há uma frase fantástica de Antônio Houaiss que resume o que faz de um revisor um grande revisor: ‘Devemos ser políglotas dentro de nossa própria língua.’ Ser políglota dentro de nossa língua implica dizer que somos versados nas variedades linguísticas. (Rocha, 2012, p. 205)

Ou seja, o revisor precisa ser versado nas variações de uma língua, sabendo usá-las de acordo com o que o cenário pede, sendo assim, conforme Houaiss sugere, “um políglota de sua própria língua”.

Ademais, dentro do campo da Revisão Textual, é necessário que haja diversos critérios para analisar os textos que passam pelas mãos de um revisor. Mas, “o que é um critério? Um critério é uma ‘medida’, um ‘padrão’, uma ‘referência’, uma ‘forma fixa de ver a coisa’ que você usa como modelo único para analisar algo.” (Ferrarezi, 2012, p. 36)

Portanto, a própria concepção de um objeto de estudo exige que a ação técnica seja adequada aos critérios de análise. Por exemplo, como tratamos aqui de “textos”, a adequação se dá a partir do ponto de vista da linha teórica em que se opta por seguir: mais “normativista” ou mais “variacionista”. No trabalho em questão, serão tratadas as importâncias da Sintaxe Funcional e da Semântica Cultural para o campo da Revisão textual, ou seja, uma opção de abordagem do processo de Revisão Textual em uma linha mais variacionista.

1.2. Abrangência do trabalho revisional

A definição da abrangência do trabalho revisional não é uma “ciência exata” e demanda, muitas vezes, certa negociação entre autor e revisor.



As modernas concepções de texto defendidas pela Linguística aumentam a área de atuação de um revisor textual. Tendo isso em vista, o profissional dessa área necessita dominar e se adequar ao processo de revisar os gêneros multissemióticos, pois não somente a linguagem escrita deve ser revisada nessas peças, mas todo o material presente: o texto e a imagem que as compõem precisam estar estritamente harmonizados. Isso mostra que a revisão do gênero como um todo é de grande relevância e não apenas a revisão dos aspectos linguísticos *stricto sensu*.

Em textos em que há a conjugação de recursos escritos e visuais, tem-se a necessidade de se saber analisar todo o cenário envolvido e não somente averiguar um recurso isolado, sem o que se pode comprometer a compreensão da mensagem que se deseja passar.

Assim, vale ressaltar a importância da *Gramática Visual* na formação de um bom revisor, tendo em vista a necessidade de adaptação aos cenários em que o visual e outros recursos semióticos estão conjugados com o texto linguístico. Isso porque o trabalho de um revisor pode não se restringir somente a textos verbais, tendo em vista que, dependendo do local em que o profissional atua, pode haver gêneros multissemióticos, em que há a presença de elementos linguísticos e imagéticos, como é o caso de folders, tirinhas, gibis, outdoors, entre outros, além disso, recursos não verbais também constroem sentido dentro um contexto, sendo assim, igualmente dignos de revisão.

Portanto, o revisor de textos deve ultrapassar as barreiras do conhecimento estrito da gramática normativa e adquirir, cada vez mais, um vasto conhecimento de mundo e procurar aprender novos recursos a respeito de sua área de atuação e de áreas afins. Assim, teremos uma nova classe de profissionais do texto mais conscientes de sua profissão, sabendo lidar com novos recursos linguísticos e adaptando-os de acordo com as demandas comunicacionais da sociedade moderna.



Indo além, um conhecimento profundo da *variação linguística* é um elemento crucial dentro da revisão e um tópico muito importante a ser mencionado, tendo em vista que nenhum texto escrito - assim como na fala - em termos de linguagem, é igual ao outro. Portanto, a adequação da linguagem é significativa em relação à função que o texto irá exercer em um ambiente social. Logo, um revisor deve-se ater à relação de como a língua é usada em seus diversos cenários, tanto no âmbito escrito quanto oral. A escolha do léxico e do gênero textual, por exemplo, varia de acordo com:

- a. o ambiente em que a língua é imersa - o *evento de utilização* na sociedade;
- b. a função comunicativa de linguagem – o *objetivo* de locução/produção do texto;
- e
- c. a quem a comunicação está sendo destinada – o *interlocutor*.

O revisor deve pontuar questões no texto pelo qual está responsável adaptando-o aos elementos pontuados acima, seja em um ambiente mais formal, como em um texto do Senado Federal ou em uma situação em que o uso da língua seja mais flexível, como no caso de um gibi da Turma da Mônica ou uma peça comercial.

Dessa forma, ao auxiliar na preparação de um conteúdo a ser exposto a diferentes tipos de leitores, o revisor deve compreender o público com que está lidando e o campo em que será inserido tal conteúdo. Por isso, a flexibilidade de adaptar o material revisado e a compreensão por parte do autor do texto são de suma importância, além de seu trabalho abranger outros aspectos variados para uma boa compreensão do material a ser publicado.

Por fim, sob uma nova perspectiva, ao falar em mercado de trabalho, é necessário pontuar que um bom revisor textual deve estar em contínua atualização e estudo, pois,



assim como em outros ramos, novas áreas e funções surgem dentro da profissão, sendo necessária a contínua busca por conhecimento.

1.3 A interação entre o trabalho do revisor e a qualidade final do texto

Como temos visto, para inserir-se no mercado editorial, pode-se levar em consideração que, em especial na área de revisão de textos, é necessário um compilado de conhecimentos específicos e um bom domínio da profissão em questão. Assim, para uma boa atuação de um revisor nesse mercado, o lidar eficiente com a demanda de seus serviços deve-se fazer presente, visto que há diferentes situações delicadas que o profissional tem que assumir, fazendo com que os revisores sejam abertos a novas experiências e uma formação mais ampla – no sentido de adaptar-se aos diferentes trabalhos de diferentes âmbitos/áreas a serem realizados na área.

Diante de todo o aporte teórico e prático que o revisor incorpora em seu ofício, espera-se que ele seja capaz de disponibilizar ao leitor uma legibilidade eficaz, por meio de rigor, precisão e metucioso trabalho textual. A necessidade de domínio da escrita, dos aspectos semânticos e sintáticos e, além disso, do contexto social em que será inserido determinado texto são requisitos básicos. O permanente diálogo entre revisor e autor também é de grande relevância para que haja melhor discussão dos pormenores inseridos no escrito desenvolvido. Ou seja, a melhor ou pior atuação do revisor está diretamente ligada à *qualidade* final do texto.

Em Revisão Textual, *qualidade* é a propriedade de o texto adequar-se plenamente ao critério amplo de legibilidade e aos objetivos para ele propostos em relação aos leitores-alvo. Quanto mais o texto apresenta essa adequação, maior qualidade possui; quanto menos se adequar, menor qualidade possui. Assim, questões como o conteúdo



de um texto, para quem ele é destinado (qual é o seu público-leitor), onde será publicado e em que formato, além de questões relacionadas à estrutura sintática, à semântica textual, à ortografia, à coesão e à coerência são alguns dos pontos referenciais para medição da qualidade final de um texto.

Tendo isso em vista, o revisor exerce um papel muito importante dentro da instituição em que trabalha (empresa, universidade, editora, órgão público etc.), pois, “embora se saiba que nem todas as casas editoriais contratam esses serviços, é plenamente reconhecível um produto bem-tratado e um outro que tenha negligenciado as fases de produção de obras desde as equipes editoriais de antes de Gutenberg.” (Ribeiro, 2007, p. 13)

1.4 Os limites da revisão

O trabalho que um revisor exerce, portanto, vai além da mera correção ortográfica, pois é preciso atentar a outros aspectos do que será revisado, como o gênero textual, o contexto inserido, o nível de formalidade, aos recursos verbais e não verbais, enfim, tudo o que vimos até aqui. Mas, a pergunta que nos resta neste tópico é: até que limite?

Em parte, esse limite é dado pelo local em que o profissional atua e pelo tipo de textos com que atua. Dessa forma, o revisor precisa ter a capacidade de se adaptar, também, a suas funções específicas no processo produtivo de um texto em uma instituição. E isso exige muito preparo técnico. Sendo assim, a busca por novos conhecimentos, o estudo contínuo, cursos, atualizações na área e especializações são relevantes para a melhor formação de um revisor, pois, assim como em qualquer outra profissão, é necessário que haja uma contínua busca pelo conhecimento e



aperfeiçoamento na área para que o revisor se torne mais competente em seu campo de atuação.

Outro detalhe importante a se pontuar é em relação ao tempo demandado por sua função: revisar textos não é reescrever “furiosamente laudas e mais laudas só para mostrar ao editor que o revisor é competente.” (Ribeiro, 2007, p. 10). A revisão é um processo custoso e demorado e isso implica a necessidade de tempo para sua realização com a devida qualidade.

Um ponto também relevante a ser tocado concernente aos limites da revisão é em relação à gramática tradicional, que, conforme já exposto, possui, sim, sua relevância, principalmente em gêneros oficiais e mais formais. Porém, o revisor deve ter claro em sua mente que as variações linguísticas também existem dentro do campo da revisão textual e devem ser respeitadas de acordo com o contexto e a situacionalidade em que o gênero revisado está inserido. Assim sendo, regras e normas devem ser consideradas dentro de um contexto social específico: o que pode ser válido para um ambiente, para outro, pode não ter sentido.

Outro limite claro da revisão é que torna o trabalho de um revisor textual, muitas vezes, extremamente difícil é o fato de haver textos de áreas que ele não domina. Dessa forma, é necessária uma maior cautela por parte do profissional em relação a isso, para que não haja nenhuma falha em relação à revisão do texto, especialmente em relação aos termos técnicos e ao conteúdo geral propostos, de forma que o objetivo geral da obra não seja alterado por engano por um revisor despreparado. Em certos casos, é melhor declarar-se impossibilitado de proceder à revisão de certo texto. E, portanto, um bom revisor textual necessita sempre estar disposto a se inteirar de assuntos multidisciplinares, expandir as suas áreas de leitura e estar constantemente se atualizando em relação ao seu ofício. Obviamente, é mais cômodo fazer/ler somente aquilo que nos desperta



interesse, porém, em certos momentos, é necessário sair de nossa zona de conforto e expandir novos horizontes e inovar em conhecimentos.

Finalmente, o último e mais rigoroso limite do trabalho revisional é o consentimento do autor. Em última instância, o autor é o dono e o responsável final por um texto. Se ele não consentir com uma sugestão do revisor, este deve-se considerar isento de responsabilidade em relação ao resultado final. Um revisor é, de certa maneira, comparável a um “médico do texto”: ele diagnostica e sugere medicamentos e protocolos. Se o paciente vai aplicar isso em sua vida, isso já é questão de outro nível e foge ao exercício profissional do revisor. Nestes casos, o revisor deve acatar eticamente a vontade do autor, mesmo que ela contrarie sua visão profissional do texto, ou abdicar do trabalho revisional.

2 A sintaxe na revisão

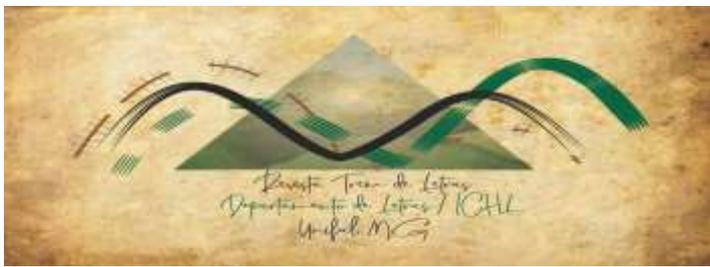
2.1 O que é Sintaxe

De acordo com o Manual de Redação da Presidência da República, Sintaxe

É a parte da Gramática que estuda a palavra, não em si, mas em relação às outras, que, com ela, se unem para exprimir o pensamento. É o capítulo mais importante da Gramática, porque, ao disciplinar as relações entre as palavras, contribui de modo fundamental para a clareza da exposição e para ordenação do pensamento. (2018, p. 59-60)

Já em Ferrarezi (2012, p. 34), define-se a Sintaxe da língua como a

parte que diz respeito às combinações feitas com as palavras, que formam esses trechos da língua que a gente usa para se comunicar



(“sintaxe” significa “ordenar”, “organizar”; é claro que aqui se está falando da ordem das palavras).

Mas, em síntese, o que se estuda com a Sintaxe? “[...] com a Sintaxe vamos estudar as regras que são usadas para formar os trechos da língua que criamos quando falamos e quando escrevemos.” (Ferrarezi, 2012, p. 36)

Com essas definições, tem-se uma noção geral do que é e o que se estuda dentro da Sintaxe. Para este artigo, especificamente, detemo-nos em estudar e trabalhar com uma vertente específica da Sintaxe, denominada *Sintaxe Funcionalista*, que se define da seguinte forma:

Em linhas gerais, a Sintaxe Funcional distingue-se de outras linhas por considerar a língua como um instrumento de interação social. Como tal, a língua torna-se um objeto não autônomo, maleável, sujeito às pressões oriundas das diversas situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical. (Rosário, 2015, p. 145)

A definição acima vem ao encontro do que se investiga no presente trabalho, pois a língua é um instrumento de interação social e não uma estrutura fechada, sem vínculo com fatores extralinguísticos não permitindo, portanto, meramente uma análise restrita nela e para ela mesma.

O termo *funcionalismo* ganhou força nos Estados Unidos a partir da década de 1970, passando a servir de rótulo para o trabalho de linguistas como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, que passaram a advogar uma linguística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. (Cunha, Oliveira e Martelotta, 2003, p. 23, 24 apud Rosário, 2015, p. 144)

Isto posto, ressalta-se que não há, *stricto sensu*, escolhas teóricas melhores que outras no trabalho revisional, mas, sim, escolhas e caminhos diferentes a serem trilhados que permitem resultados diferenciados em relação aos objetivos do revisor. Como já dissemos anteriormente, há revisores mais normativistas e outros mais ligados aos usos



da língua e aos princípios da adequação, como é o nosso caso. Dessa forma, um revisor de determinada área em específico necessita definir quais são as linhas de trabalho que ele pretende seguir, levando em consideração os seus gostos pessoais, a área que, em seu ponto de vista, é mais lógica e com a qual ele se identifica melhor e, é óbvio, que apresente uma justificativa plausível para os objetivos que ele pretende alcançar.

A título de exemplificação dos porquês de nossa escolha, apontamos o trecho abaixo (Ferrarezi, 2012, p. 38) em que é evidenciada uma das diversas falhas que a gramática tradicional apresenta e, por isso, uma das justificativas em se estudar a Sintaxe Funcionalista e não a tradicional. Esta define sujeito segundo a visão de Domingos Paschoal Cegalla, em sua *Novíssima gramática da língua portuguesa*, como:

“Sujeito é o ser de quem se diz alguma coisa”. (p. 269)

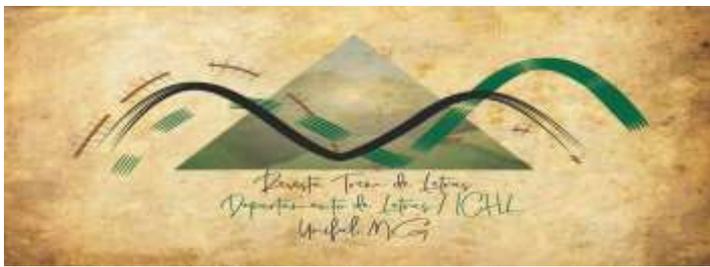
[...] quando fazemos uma análise sintática, estamos falando das partes dos trechos da língua ou dos seres? Penso que estamos falando das partes dos trechos da língua, de coisas gramaticais, de palavras organizadas, e não dos seres e daquilo que se possa dizer deles.

[...]

Maria bateu no pobrezinho do *João* doentinho na cama. (Ferrarezi, 2012, p. 38)

À vista disso, no exemplo acima, fala-se de *Maria* e *João*, dois seres (e vivos), porém o sujeito da oração é apenas *Maria*, o que mostra uma das incoerências da gramática tradicional.

Por sua vez, a sintaxe funcional não se fecha somente na visão de uma língua baseada nos métodos tradicionalistas, associada a regras gramaticais estáticas e que não são voltadas a um uso real dessa língua. Pelo contrário: nessa vertente, o estudo do



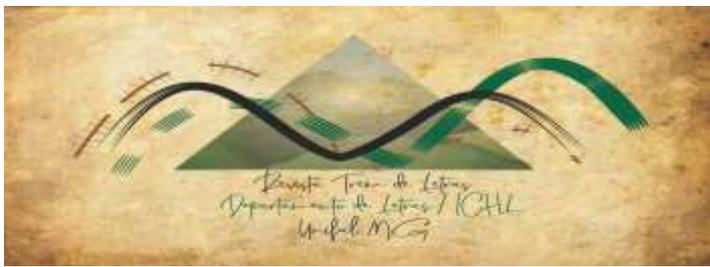
evento linguístico e as situações extralinguísticas são muito relevantes. E, por isso, a sintaxe funcional não se propõe a estudar situações da gramática fechadas em “caixas”, com frases prontas e típicas da análise sintática normativa que, muitas vezes, estão longe da nossa realidade, uma vez que essa vertente de estudos sintáticos se preocupa com aspectos extralinguísticos, com a variação e as mudanças de uma língua, fatores que tornam uma língua verdadeiramente real em relação ao seu uso e às suas finalidades.

Isto posto, nossa concepção é de que a sintaxe de uma língua não funciona sozinha no sistema linguístico. Ela necessita do discurso e da pragmática para se estabelecer de forma eficiente. Logo, a vertente da sintaxe funcional deve considerar incluir esse binômio (discurso e pragmática) em seus estudos.

Até mesmo na escrita, a variação em expressões, termos e estrutura morfossintática é muito comum, até porque os textos possuem finalidades e propósitos diferentes, dependendo do meio em que estão inseridos; sendo assim, quanto mais gêneros existirem, maior será a tendência em relação à variação. Assim, a organização sintática de uma língua contribui na atribuição de sentido dentro da imensidão de textos e discursos humanos existentes.

Conforme já se pode perceber, a Sintaxe Funcional trabalha com o uso da língua. Portanto, para um estudioso da área, é necessário que haja material para análise, ou seja, “o *corpus* dá ao linguista uma visão mais real dos usos efetivos da língua” (Rosário, 2015, p. 154).

Analisar sintaticamente uma frase não vai muito além de compreender como as coisas funcionam ali dentro e ser capaz de dar nomes às diferentes partes analisadas. Isso não é ser reducionista, é mostrar que, muitas vezes, se constrói um cavalo de batalha sobre algo que é tão complexo sendo tão simples em seus objetivos.



Bem, mas diante da enormidade de uma língua, seria isso possível? Só em parte. Só podemos dar conta de todos os fenômenos e suas variações em parte. (Ferrarezi, 2012, p. 15)

Justamente porque só damos conta de parte da língua, independentemente da escolha de qual linha de análise sintática seguir, agir de forma seletiva é necessário.

Abaixo, a título de exemplificação, seguem alguns conceitos, dados e comparações entre a chamada *gramática tradicional* e a *gramática funcional*, retirados de Ferrarezi (2012). Aqui, não queremos ser excludentes em relação a uma ou outra vertente sintática, mas apenas exemplificar algumas das justificativas de optar por seguir a linha da sintaxe funcional e retratar mais algumas incoerências da gramática tradicional.

a. COMPLEMENTO NOMINAL → SEGUNDO A GRAMÁTICA TRADICIONAL = ligado a substantivo, adjetivo ou advérbio.

b. COMPLEMENTO NOMINAL → SEGUNDO A GRAMÁTICA FUNCIONAL = ligado a *substantivo* e *adjetivo*, pois são nomes e recebem marca de gênero (marca mais importante para um nome).

Advérbio não varia, assim, não pode ser um nome no sistema gramatical do português.



2.2. A relação entre a sintaxe e a pontuação

Concernente à temática referente à relação entre a sintaxe e a pontuação, vemos que:

Para ela [Pinto, 1993*], conhecer análise sintática é fundamental para bem pontuar. Frise-se que, ao contrário do que afirma essa autora, em uma perspectiva discursiva, a importância da Sintaxe vai muito além do que apenas saber pontuar. A Sintaxe é uma das categorias preconizadas pela Análise de Discurso Crítica (ADC). De acordo com Fairclough (2001a), a transitividade, por exemplo, ajuda-nos a verificar se tipos de processos e participantes particulares estão favorecidos no texto, que escolhas de voz são feitas (ativa ou passiva) e quão significante é a nominalização dos processos. Um maior interesse está na agência, na expressão de causalidade e na atribuição da responsabilidade. (Rocha, 2012, p. 66, **referência adicionada ao texto*)

Dessa forma, um bom revisor precisa dominar os conteúdos sintáticos de forma que, ao analisar os textos em revisão, não tome como pressupostos princípios relacionados em *intuição* linguística. Se há uma coisa que não funciona no processo revisional é a “intuição” linguística. O processo revisional é racional e técnico. As marcações estruturais de um texto necessitam ser feitas de acordo com o que a sintaxe exige e, não, baseadas em pausas respiratórias, por exemplo.

Confira o exemplo abaixo, sobre o uso de vírgulas, extraído de Ferrarezi (2018), em que numeramos as vírgulas para posterior análise:

“Mamãe,(1) meu amor,(2) comprarei,(3) hoje mesmo,(4) para você no mercado: maçã,(5) batata,(6) feijão,(7) óleo,(8) rúcula,(9) farofa,(10) tomate,(11) espinafre,(12) ovos,(13) doces,(14) pães,(15) tudo fresquinho,(16) tudo de primeira!” (p. 80, *numeração das vírgulas nossa*)



O uso das vírgulas no exemplo está correto. Como ler tal estrutura em voz alta respirando a cada vírgula? Isso tornaria a leitura absurdamente artificial e até difícil. Isso se dá porque o processo de marcação estrutural da frase não é feito com base em pausas respiratórias, mas, sim, nos casos acima, pelos seguintes critérios:

a. **vírgulas 1 e 2** – decorrentes da inserção do aposto (coordenação correferencial) “meu amor” (que se refere ao nome “Mamãe”);

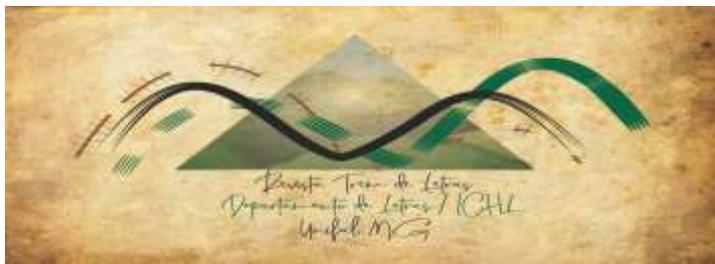
b. **vírgulas 3 e 4** – Neste caso, as vírgulas são usadas em consequência da intercalação do complemento adverbial “hoje mesmo”, intercalado na frase em uma posição que se desloca da ordem canônica do português brasileiro;

c. **vírgulas 5 a 14** – usadas para exprimir a coordenação nominal simples entre elementos que exercem função de complemento verbal.

d. **vírgulas 15 e 16** – vírgulas utilizadas em função da presença de coordenação entre apostos explicativos (coordenação correferencial), nesse caso, tradicionalmente considerados como germens de orações explicativas potenciais.

Aqui, vale lembrar que toda forma de coordenação e de inserção/intercalação de termos sintáticos é uma quebra na estrutura canônica da língua e enseja o uso de vírgulas. Assim, como se observa pelo exemplo, a forma de marcação estrutural na língua escrita (diacríticos) é diferente da forma usada na língua falada. Nesta, a entonação, em casos de leitura em voz alta, por exemplo, se encarrega de oferecer sentido ao conteúdo do texto escrito.

Por outro viés, na escrita, é necessário usar recursos como a pontuação ou reestruturar uma frase, trocar palavras etc., para que a ambiguidade seja evitada – caso



seja objetivo do autor evitá-la, pois a ambiguidade em um texto pode ser parte constituinte de seu sentido desejável. Por outro lado, em alguns textos não se pode permitir que sejam interpretados de forma subjetiva, o que pode acarretar problemas, como é o caso de textos constitucionais, por exemplo, que devem ser compreendidos de forma objetiva por todo leitor, mesmo sabendo-se ser isso “apenas” um ideal.

Por isso, como na escrita não temos a mesma riqueza de detalhes que podemos expressar por meio da fala, temos que recorrer a recursos como os *diacríticos*, por exemplo. Com eles, temos meios de saber se o que está escrito é um questionamento, uma afirmação ou há a presença de ironia (aspas), a título de exemplo.

O conceito de *diacríticos* é apresentado na seguinte citação:

Diacríticos – são os grafemas complementares adicionados às letras para fornecer informações fonéticas, semânticas, morfológicas ou sintáticas à escrita de base. São símbolos que interferem, que alteram a maneira como lemos os símbolos de base. Esta, aliás, é a concepção geral do que seja um “diacrítico”: um símbolo que, adicionado a outro símbolo afeta seu valor significativo. (Ferrarezi, 2018, p. 19)

Sendo assim, ao revisor resta a necessidade de ter domínio cabal da língua com que trabalha e conseguir atuar com precisão em suas nuances e variações de acordo com cada situação imposta a ele, inclusive em áreas que não são de seu domínio. A isso, deve-se acrescentar o fato de que são, no Brasil, raríssimas as obras que ensinam a pontuar e a usar todos os diacríticos de forma técnica e coerente, o que dificulta grandemente a formação técnica dos revisores.



3 A Semântica na revisão

3.1. O que é Semântica

A Semântica estuda o sentido das palavras, expressões, frases e unidades maiores da comunicação verbal, os significados que lhe são atribuídos. Ao considerarmos o significado de determinada palavra, levamos em conta sua história, sua estrutura (radical, prefixos, sufixos que participam da sua forma) e, por fim, o contexto em que se apresenta. (Manual de Redação da Presidência da República, 3. ed., p. 83)

Assim como na linha teórica de Sintaxe Funcional, os estudos em Semântica no Brasil começaram a se desenvolver somente a partir da segunda metade do século XX, um pouco tardiamente se compararmos com as vertentes mais estruturalistas dos estudos linguísticos.

Além disso, “A Semântica, adjetivada ou não, nunca chegou a ter no Brasil o mesmo grau de desenvolvimento alcançado por outras disciplinas linguísticas, como a Sintaxe ou a Fonologia.” (Ferrarezi, 2013, p. 09)

Mas qual seria a justificativa? Talvez não fosse considerada como ciência ou levada tão a sério por pesquisadores e estudiosos da área da linguagem? Possivelmente! Contudo, não há o que negar em relação à sua importância para os avanços e estudos da linguagem, tendo em vista que os sentidos e significados atribuídos às palavras e/ou expressões possuem relação direta com outras linhas de pesquisa dentro da Linguística.

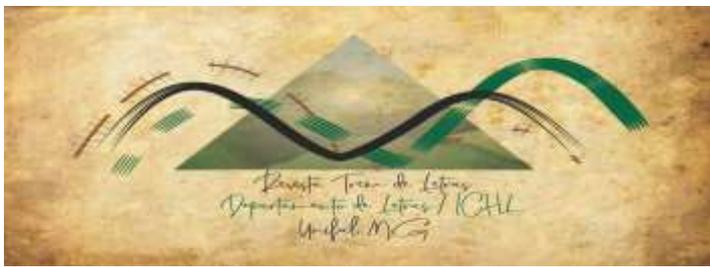


Pode-se dizer, ainda, que a Semântica é uma das vertentes da Linguística que está mais relacionada aos usos reais da língua e que acompanha diretamente as suas mudanças e variações.

Cumpramos ressaltar que, assim como há em diversos outros campos de estudos da Linguística, nas linhas de pesquisas semânticas, existem diferentes vertentes que estudam o significado linguístico, cada qual com suas perspectivas de análise, ressaltando que todas devem ser consideradas relevantes para os estudos semânticos. E, quando se estuda a linguagem, é notório que nada é “isolado”. Sempre há correlações entre áreas distintas do saber. Aliás, não somente dentro dos estudos da linguagem, como também em outras áreas podemos perceber essas correlações.

O ser humano é capaz de atribuir sentido a uma mera palavra monossilábica, assim como é capaz de encontrar diferentes significados e sentidos dentro de uma só palavra ou termo. É nessa diversidade que se pode observar a grandeza e, ao mesmo tempo, a beleza dos estudos semânticos, que estão sempre em busca do sentido das palavras e expressões da linguagem humana.

Nessa perspectiva, os estudos em Semântica são extremamente necessários, pois eles nos mostram como os processos de atribuição de sentido em uma língua alteram a nossa compreensão dos fatos linguísticos, nossa percepção dos eventos e o nosso modo de enxergar o mundo.



3.2. O que é semântica cultural e por que ela é mais indicada para o revisor de textos

Podemos definir a Semântica Cultural (SC) como uma vertente da Semântica que estuda a *relação entre os sentidos* atribuídos às palavras ou demais expressões de uma língua e a *cultura* em que essa mesma língua está inserida. (Ferrarezi, 2013, p. 71)

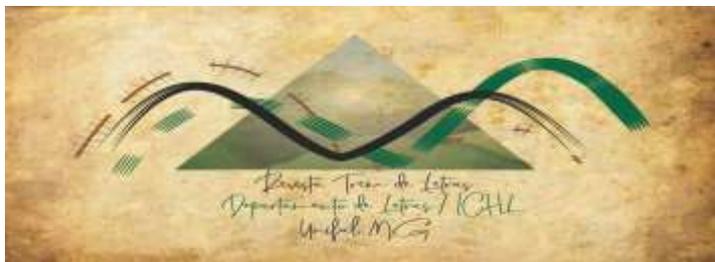
Tendo isso em vista, optamos por trabalhar com a Semântica Cultural neste artigo, pois ela apresenta os reais sentidos atribuídos a uma palavra ou expressão em seu uso mais concreto e está diretamente ligada com a cultura da língua em que está inserida, ou seja, a Semântica Cultural está diretamente relacionada com uma língua viva, real e que constantemente se altera e se modifica, de acordo com a visão de mundo de seus falantes.

Mas do que se ocupa a Semântica Cultural?

Ocupam a SC todos os casos de construção e atribuição de sentido às palavras, sejam elas dentro de uma cultura dada, sejam em casos de contato como o apresentado. Em todos eles, porém, o que se busca é demonstrar como, a partir, de uma construção de natureza cultural, se compõem os sentidos que, posteriormente, serão associados às palavras e demais expressões da língua. (Ferrarezi, 2013, p. 83)

Dessa forma, pode-se afirmar que língua está intimamente ligada com a cultura e os costumes de um povo. Sendo assim, ela é melhor compreendida pela ótica de uma Semântica Cultural, pois, dessa forma, é vista como um objeto de estudo que está estreitamente relacionado ao uso real e vivo de uma comunidade de falantes.

Portanto, considerado como um sistema socializado e culturalmente determinado, o conjunto de variáveis incluído no processo de revisão se amplia para além



dos manuais tradicionais e ganha outro nível de complexidade. Logo, assim como ocorre em um contexto de fala, dentro da área de revisão textual, em um meio predominantemente escrito, se adotamos uma perspectiva culturalista, é preciso ater-se ao que é julgado correto x incorreto, certo x errado, pois aquilo que é “correto/certo” em um determinado contexto pode ser “incorreto/errado” em outras circunstâncias. Além disso, quem define o que é “certo” ou “errado”, “correto” ou “incorreto”? A Gramática Tradicional? Com base em quais teorias e aspectos?

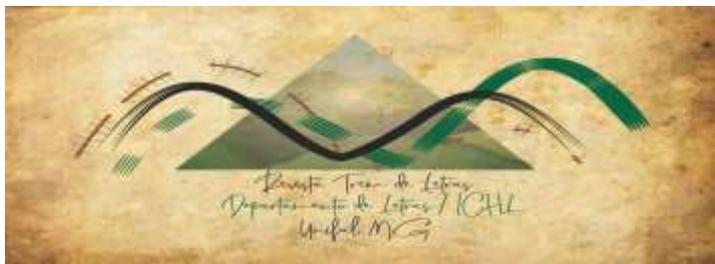
Nessa perspectiva, como profissional que atua sobre uma produção em língua natural, o revisor deve assumir um posicionamento referente ao que é “adequado” ou “inadequado” para a expressão dos sentidos desejados pelo autor, de acordo com:

- a. os contextos – a composição textual em si, os outros vocábulos, a estrutura sintática e estilística do texto;
- b. os cenários – a construção mental de mundo que suporta aquilo que está escrito e apenas na qual o que foi escrito faz sentido; e
- c. os eventos linguísticos – os usos reais aos quais o gênero textual em questão está direcionado pressupondo certo público-alvo.

A substituição do conceito de “erro” pelo de “adequação” traz grande ganho ao campo da Revisão Textual, pois permite que o texto ganhe em riqueza estilística e que nuances de sentido outrora perdidas em uma correção normativista seja preservada em sua integralidade.

Para ficar mais claro, citemos dois exemplos práticos:

1. No meio legislativo, um revisor foi convocado para revisar uma nova edição dos textos da Constituição Federal. Nesse sentido, é mais



adequado que se tenha uma maior formalidade e rigor com a língua, tendo em vista que se trata de um texto oficial e que necessita de seguir alguns padrões e normas exigidos pelo contexto em que está inserido, especialmente no que tange ao rigor com a precisão lexical.

2. Por outro lado, em uma agência de publicidade, um revisor deve revisar um folder de divulgação de uma lanchonete local. A linguagem não necessita ser totalmente formal, pois o intuito é divulgar um comércio que se caracteriza como um ambiente informal para uma comunidade que deve fazer dele um local de lazer, além de um local de alimentação. O emprego de imagem e texto se diferencia enormemente daquele comum em um gênero oficial, por exemplo.

Com isso, pode-se perceber que o intuito do autor e o trabalho do revisor, do 1º para o 2º exemplo, são diferentes, e o que é adequado para um, pode não ser apropriado para o outro.

Dessa forma, o conhecimento de mundo de um revisor é muito significativo, tendo em vista que contribui positivamente para o seu trabalho e para a ampliação de novos horizontes dentro do campo da revisão. A adequação do texto em relação à situação comunicativa é um fator relevante a se observar. Além disso, é necessário refletir o seguinte: qual é a intenção, para que e para quem este texto está sendo escrito? Qual é a sua finalidade?

Um bom revisor necessita saber identificar as funções das palavras e estruturas dentro de um texto, mas, além disso, ser capaz de compreender o real sentido de um texto e reconhecer o porquê das escolhas lexicais e sintáticas que um autor fez para determinada obra.



Um exemplo que tem se demonstrado bastante esclarecedor em relação a esse aspecto da adequação vocabular é a recorrência com que o Sr. Jair Bolsonaro, atual presidente da República do Brasil, se pronuncia em público com o uso de palavras de baixo calão. Isso é considerado inadequado não em função de sua individualidade, mas em função do cargo que ocupa e, dessa forma, essa maneira de agir tem chocado grande parte dos brasileiros. Na mesma direção, precisamos entender que a revisão de material científico demanda conhecimento acurado dos termos técnicos por parte do revisor. Uma palavra que é comum no linguajar cotidiano (como “sujeito” ou “objeto”), pode ser um termo técnico em uma ciência (como essas citadas são em Sintaxe, por exemplo).

Logo, a adaptação da linguagem ao meio social em que ela circula é uma das preocupações que se deve ter dentro de um texto, pois, embora a língua seja compreendida como um sistema aberto, há uma estreita interação entre os seus falantes e o meio em que vivem que se reflete nas palavras que são utilizadas. O léxico é elemento fortemente revelador do nível de uma linguagem, mais do que a sintaxe até. Ou seja, a escolha lexical em um enunciado é baseada nas vivências e nos objetivos do emissor, que deve se ater a seu receptor, de que forma e para qual finalidade ele enuncia. E, portanto, as escolhas lexicais em um texto devem ser observadas em relação ao meio em que um texto será introduzido e em relação à função que ele exercerá. Usos da língua de forma polida, cerimoniosa, informal, popular e até mesmo gírias devem ser consideradas de acordo com a situação linguística em que um texto será inserido.

Conclusão

O trabalho do revisor de texto é extremamente complexo e técnico, conforme visto ao longo dos capítulos até aqui apresentados, pois abrange aspectos que vão muito além



da ortografia. Ou seja: estão incluídos, também, no processo revisional elementos relacionados à coesão, à coerência, à variação linguística, de ordens semântica e sintática, entre outros aspectos gerais e complexos da língua. Porém, podemos afirmar que a maioria dos cursos de Letras e afins não oferece a formação necessária para esse exercício profissional; além disso, há pouca literatura de qualidade na área publicada no Brasil.

Diante disto, consideradas as demandas de mercado para revisores de qualidade, fica claro que o Brasil precisa investir mais, tanto na formação desses profissionais em nível superior, quanto na produção de material bibliográfico de apoio ao trabalho revisional, que seja claro, consistente e prático; ademais, é urgente normatizar o exercício da profissão de revisor de textos, com a consequente valorização da carreira e a garantia legal de seu exercício.

Tendo em vista os aspectos mencionados acima, podemos considerar que as principais incumbências deste artigo, apontados na *Introdução* e ao longo dos capítulos, foram cumpridas no intuito de despertar, em universidades e autoridades, a necessidade premente de se dar atenção à profissão e ao trabalho do revisor de textos.

Assim, cremos que, com os objetivos gerais e específicos deste trabalho devidamente cumpridos, podemos finalizar, por ora, as discussões relacionadas ao seu tema central, ressaltando, apenas, que *A importância do domínio das áreas de Sintaxe e Semântica para o campo da Revisão Textual* é um assunto relativamente novo e não muito debatido no meio das pesquisas linguísticas. Por isso mesmo, a necessidade de novas investigações e o aprofundamento em temas voltados a este campo de pesquisa é grande e urgente em nosso país.



Referências

BRASIL. Presidência da República. *Manual de Redação da Presidência da República*. Gilmar Ferreira Mendes e Nestor José Forster Júnior. 3 ed. rev., atual. e ampl. Brasília: Presidência da República, 2018. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/centrodeestudos/assuntos/manual-de-redacao-da-presidencia-da-republica/manual-de-redacao.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2021.

FERRAREZI JUNIOR, C.. *Guia de acentuação e pontuação em português brasileiro*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2018. v. 2000. 128 p.

FERRAREZI JUNIOR, C.. Introdução. In: Celso Ferrarezi Junior, Renato Miguel Basso. (Org.). *Semântica, Semânticas: uma introdução*. 1 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013, v. 1, p. 13-17.

FERRAREZI JUNIOR, C.. Semântica Cultural. In: Celso Ferrarezi Junior, Renato Miguel Basso. (Org.). *Semântica, Semânticas: uma introdução*. 1 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013, v. 1, p. 71-88.

FERRAREZI JUNIOR, C.. *Sintaxe para a Educação Básica: com sugestões didáticas, exercícios e respostas*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012. v. 3000. 176 p.

GUEDES, Leticia F., *Revisão De Textos: Conceituação, o papel do Revisor Textual e Perspectivas do Profissional do Texto*, 2013. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/7265>. Acesso em: 27 de fev. de 2021.

MOURÃO, E. (2010). *A hipercorreção na escrita formal: dilemas do revisor de textos*. *Scripta*, 14(26), 163-178. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4358>. Acesso em: 27 de fev. de 2021.

OTHERO; KENEDY. Introdução. In: Gabriel de Ávila Othero, Eduardo Kenedy. (Org.). *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2015, v. 1, p. 9-10.

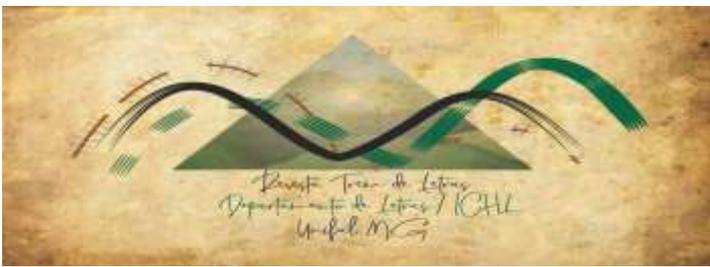
RIBEIRO, Ana Elisa. *Em busca do texto perfeito: (in)distinções entre as atividades do editor de texto e do revisor de provas na produção de livros*. 2007(?). Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0011-1.pdf>. Acesso em: 27 de fev. de 2021.

ROCHA, Harrison da. *Um novo paradigma de revisão de texto: discurso, gênero e multimodalidade*. 2012. xi, 246 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.



ROSÁRIO. Sintaxe Funcional. In: Gabriel de Ávila Othero; Eduardo Kenedy. (Org.). *Sintaxe, Sintaxes: uma introdução*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015, v. 1, p. 143-162.

SALGADO, L. Ritos genéticos editoriais uma abordagem discursiva da edição de textos. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 57, p. 253-276, 31 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/76289>>. Acesso em: 27 de fev. de 2021.



The importance of mastery of the areas of syntax and semantics for the field of textual review

Thamara Santos dos reis

Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG)

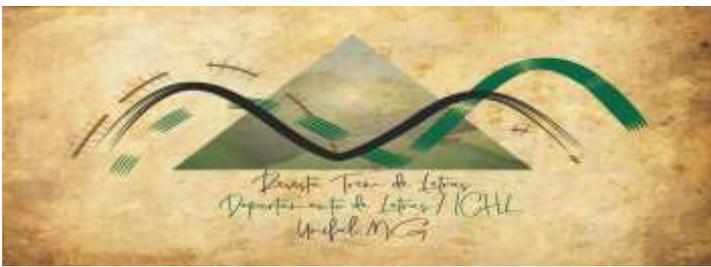
Celso Ferrarezi Jr

Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG)

Abstract

This article addresses “The importance of mastery of the areas of Syntax and Semantics for the Field of Textual Review”, having as main objective to contribute to the studies in Text Review, in interface with the areas of Semantics and Syntax, considering the incipience of specialized bibliography with this focus. The proposal is to verify the importance of the fields of Functional Syntax and Cultural Semantics for the work of the textual reviewer, based on bibliographic research. The field of textual review demands a deep study about the area of practice in which the professional will perform his work. The results of the research demonstrated that the textual revision requires much more than knowledge of the normative grammar for its exercise. However, the training of the professional, in its various sectors / places of activity, is still not satisfactory in Brazil, which would require not only the creation of specific subjects in the Letters courses, but specific textual revision courses at a higher level, besides, of course, the consequent legalization of the professional practice of textual reviewer.

Keywords: Textual review. Textual reviewer: professional. Textual reviewer: formation. Functional Syntax. Cultural Semantics.



La importancia de dominar las áreas de sintaxis y semántica para el campo de revisión textual

Thamara Santos dos reis

Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG)

Celso Ferrarezi Jr

Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG)

Resumen

El presente artículo aborda “La importancia de dominar las áreas de Sintaxis y Semántica para el campo de Revisión Textual”, con el objetivo principal de contribuir a los estudios en Corrección de textos, en interfaz con las áreas de Semántica y Sintaxis, dada la incipiente bibliografía especializada con este enfoque. La propuesta es verificar la importancia de los campos de Sintaxis Funcional y Semántica Cultural para el trabajo del revisor textual, con metodología basada en investigación bibliográfica. La revisión de textos exige un estudio profundo sobre el área de desempeño en la cual el profesional realizará su trabajo. Los resultados de la investigación demostraron que la revisión textual exige mucho más que el conocimiento de la gramática normativa para su práctica. Mientras tanto la formación del corrector profesional, en sus diversos sectores/lugares de actividad, todavía no es satisfactorio en Brasil, exigiendo no solo la creación de asignaturas específicas en los cursos de Letras, sino también de cursos específicos de revisión textual en el nivel superior, además de la consecuente legalización de la práctica profesional de corrección textual.

Palavras clave: Revisión textual. Corrector de textos: profesión. Corrector de textos: formación. Sintaxis Funcional. Semántica Cultural.